

NOTÍCIAS DA NOVA POESIA

226
Na Bienal de Paris, no Museu de Arte Moderna, realizaram-se sessões dedicadas à poesia actual. Além de uma representação do grupo Tel Quel, composto por Marcelin Pleynet, Philippe Sollers, Jean-Pierre Faye e Incidents-Poesie Directe, de Jean-Jacques Lebel, com Alain Jouffroy, Elie-Charles Flammant e ainda a leitura de sobresaltantes Chansons à recudons, de Jean-Pierre Duprey, houve as manifestações anglo-saxónicas. Esta participação revestiu-se de um interesse particular, deixou uma nota de preocupação dominante. Os dois grupos anglo-saxónicos que participaram na Bienal e que parece ser ignorada por «The New Poetry», reagiu violentamente contra a mais recente das antologias da nova poe-

sia inglesa, lançada pela «Penguin Books». Os poetas incluídos nessa antologia foram acusados de «gentility» que pode significar, entre outras preocupações a do conformismo.

Estes poetas da nova corrente anglo-saxónica, um da Nova Zelândia, John Esan, outro da Austrália, Daevid Allen, que poderiam ser os primeiros representantes do que na poesia de língua inglesa corresponderia à «Escola do Pacífico» na pintura, mostram também a sua emancipação da província literária onde legislaram Eliot, Pound e Auden para se integrarem num imenso domínio «onde o Oriente e o Ocidente se fundem um no outro como o pulso quebrado entre o dia e a noite».

Allen pratica a «machine poetry» segundo a expressão Brian Gysin. Na sua concepção da poesia o poema só existe plenamente na banda magnética (à maneira da música concreta) e deve ser por força acompanhado de projecções no «écran». Assim viu-se na Bienal Daevid vir ao palco dialogar com o seu próprio rosto maior do que ele. Os ingleses Michael Horowitz e Pete Brown exigem tudo da inspiração provocada e sustida pelo jazz, o álcool, a droga. O programa de «Poesia Etc Americana» apresentado por Emmett Williams referiu-se a uma poesia aleatória cujo modelo é o compositor John Cage. Para Emmett Williams e os seus adeptos esta poesia consiste em realizar «actos aparentemente absurdos mas na realidade sobrecarregados de significação. Pois que tudo o que existe significa qualquer coisa e ao mesmo tempo outra coisa». São partidários desta corrente os neorquinos Dick Higgins, Jackson MacLow, Benjamin Patterson, Al Hansen, George Brecht, e Lamonte Young.